

LEMBRAR BOURDIEU

RESUMO

Duas matérias compõem este tributo a Pierre Bourdieu, morto em janeiro de 2002. No prefácio ao livro *A dupla ausência* (1999), do sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad, Bourdieu relata sua estreita co-participação no projeto de edição da obra e ressalta a inovadora perspectiva do autor sobre a condição dos imigrados na Europa. Em entrevista publicada no jornal *Le Temps* (1998) ele discute o caráter de suas próprias intervenções no espaço público, em particular seus posicionamentos críticos quanto à ambígua relação dos intelectuais e escritores franceses com a mídia e o mundo editorial, sob os ditames da lógica neoliberal.

Palavras-chave: imigração; engajamento; intelectualidade; neoliberalismo.

SUMMARY

This tribute to Pierre Bourdieu, who died in January 2002, is constituted by two contents. In the preface to the French-Algerian sociologist Abdelmalek Sayad's book, *La double absence* (1999), Bourdieu relates his close co-participation in this publishing project, and stresses the author's innovative perspective about immigrants condition in Europe. In an interview published by *Le Temps* (1998), he discusses the features of his own interventions in the public sphere, particularly concerning his critical positioning towards French intellectuals' and litterateurs' ambiguous relationships with the media and the publishing field, under the neo-liberal logic.

Keywords: immigration; political engagement; intellectuality; neo-liberalism.

Entrevista a Jérôme Meizoz realizada em 11/03/1998 e originalmente publicada em *Le Temps*, Genebra, 28-29/03/1998, p. 11. Tradução do francês de Carolina Pulici.

Contra o "flagelo neoliberal"

Desde o início dos anos 1990, constata-se que ao lado de seus trabalhos clássicos, "metodicamente controlados", o senhor manifesta "razões de agir" em textos de ação como Sobre a televisão e Contrafogos. Como o senhor chegou a isso?

Minhas intervenções no espaço político são mais antigas, mas menos visíveis, pois na época eu mesmo era menos visível. Penso nas intervenções sobre a Polônia com Michel Foucault em 1982, mas também nas constantes tomadas de posição sobre a Argélia, país que conheço bem por tê-lo pesquisado longamente. Há quinze anos venho lutando mais especificamente no sentido de constituir um "intelectual coletivo". Dez anos atrás, na

Feira do Livro de Milão, organizei um encontro com cerca de cinquenta intelectuais europeus para tentar estabelecer uma instância internacional capaz de tomar posição regularmente perante os problemas políticos que interessam aos intelectuais. Preguei o intelectual coletivo um pouco por toda parte, notadamente na revista *Liber*. Um dos problemas dessa utopia é o acesso à mídia: meu intento é devolver aos intelectuais a propriedade de seus meios de difusão, permitir-lhes falar mais do que ser falados na mídia. Infelizmente a mídia quer conhecer os intelectuais apenas como individualidades, e torna difíceis ou vãos todos os esforços para falar coletivamente. Dou exemplos disso em meu livro.

É por isso que o senhor fundou, há dois anos, a sua própria editora, Liber/Raisons d'Agir?

Assim como o coletivo Areser¹, a coleção Raisons d'Agir é produto de um autêntico trabalho coletivo de historiadores, economistas, sociólogos, que acaba de propor uma descrição clínica, bastante cruel, da universidade francesa. Trata-se de uma editora autônoma, que oferece uma tribuna que permite escapar do estafante e indispensável *lobby* para se publicar algumas páginas na mídia. Pelo menos dois dos livros que publicamos chegaram a mais de cem mil exemplares. Temos com isso o domínio completo de nossa palavra, sem nenhuma censura. Pense no livro de Serge Halimi sobre o jornalismo de reverência, *Os novos cães de guarda*: é absolutamente certo que ele jamais teria encontrado um editor...

(1) N.T.: Sigla do francês para Associação de Reflexão sobre os Ensinos Superiores e a Pesquisa (Association de Réflexion sur les Enseignements Supérieurs et la Recherche).

Sua editora se inscreve num espírito de "resistência", palavra que reaparece freqüentemente...

Sim, nós desejamos exercer uma *força negativa*, isto é, antes de mais nada resistente às mídias mais poderosas — como o *Le Monde*, para não deixar de citá-lo —, que banalizam o discurso neoliberal sobre o mundo social. O sucesso de vendas então é importante, pois obriga a mídia a levar em conta o que dizemos. Infelizmente, na mídia de hoje a força das idéias se mede pela força do número. É o pensamento do índice de audiência. Com nossos livros, esperamos respeitar ou ao menos fazer respeitar certas regras. Daí o título de meu livro, *Contrafogos*. Os grandes jornalistas, que hoje detêm um imenso poder, querem às vezes fazer crer que os intelectuais desejam não sei que poder terrorista de tipo stalinista. Na verdade, os intelectuais não querem o poder, eles querem um contrapoder eficaz, querem o poder de dizer não.

Nesse seu livro duas emoções prevalecem: de um lado, o "furor" contra um mundo econômico injusto, e de outro o elogio de um "milagre social", a resistência espontânea que lhe opõem, na França, os desempregados, os grevistas. Mas tem-se a impressão, ao lê-lo, de que o pessimismo predomina...

Há um desespero diante do que acontece com as sociedades européias, e há igualmente um furor suscitado pelos intelectuais que se tornam cúmplices das forças comerciais. O que me enfurece é, digamos assim, a leviandade parisiense, esse tom jocoso com que se é obrigado a falar das coisas sérias, que autoriza todas as reconversões e todo tipo de compromisso. A leviandade parisiense mata a convicção. Eu, felizmente, fiz outras experiências, de modo que minha participação nos movimentos da nova esquerda, isto é, na esquerda da esquerda, me fez descobrir, em contraposição ao que acabei de descrever, militantes desinteressados, que de alguma forma fazem a "arte pela arte" da política. Eles escapam da falsa alternativa do otimismo e do pessimismo: seu combate talvez seja desesperado, mas eles fazem o que há que fazer. Daí minha admiração pelo movimento dos desempregados, que conseguiu se firmar na França e até mesmo se estendeu à Alemanha. Esse movimento altamente improvável, que os próprios socialistas se açodaram em criticar, que não tinha quase nenhum apoio da mídia, mesmo assim conseguiu transpor as fronteiras!

Tão logo o sociólogo passa do estudo objetivista ao texto engajado, a ambigüidade se instala: ele "desvenda" os mecanismos sociais ocultos ou os "denuncia"? Muitas das reações primárias contra Sobre a televisão têm origem nisso. Como o senhor descreveria o objetivo de seu trabalho?

É todo o problema da diferença entre *descrever* e *prescrever* nas ciências humanas. Tome-se o exemplo de Milton Friedman, o conhecido economista da Escola de Chicago. Ele foi o conselheiro econômico de Pinochet em sua política ultraliberal no Chile. Trata-se de uma economia descritiva? Eu mesmo fui vítima desse moralismo da neutralidade, da não-implicação do cientista. Eu me impedia, e sem razão, de tirar certas consequências evidentes do meu trabalho de pesquisa. Com a segurança que dá a idade, e também com o reconhecimento, e sob a pressão do que considero uma verdadeira urgência política, fui levado a intervir no terreno dito da política. Como se fosse possível falar do mundo social sem fazer política! Pode-se dizer que um sociólogo faz tanto mais política quanto menos acredita estar fazendo...

O senhor se põe em guarda contra a "degradação da virtude civil" nas democracias contemporâneas. É uma expressão quase moralista. O que o senhor entende por isso?

A expressão pode parecer muito normativa, mas veja, há condutas mais universais que outras, conforme o teste kantiano da universalidade. A "virtude civil" consiste em ter presente que somos objetivamente solidários, e que as ações de uns têm consequências para os outros. Todo um conjunto de conquistas do processo histórico que criou o Estado democrático (a seguridade social, que se quer substituir pelos seguros etc.) está ameaçado pelo pensamento neoliberal.

O senhor ressalta que o Estado social é uma conquista histórica cuja finalidade é garantir o bem comum. Atualmente, porém, ele se acha ameaçado pelo neoliberalismo, que o vilipendia como um aparelho burocrático, pesado etc.

A política neoliberal, fundada numa visão estreita da economia, tem por meta destruir todos os coletivos (Estado, associações, famílias etc.), todos os freios ao mercado puro, para permitir que suas forças se exerçam com toda a liberdade. É a negação da ordem social de que eu falava. O atual dismantelamento do Estado social, com medidas como o Acordo Multilateral de Investimentos e tantas outras, corrói numerosas estruturas essenciais. Ora, sabemos que os dominados são parte indissociável do Estado social. Para dar um exemplo preciso, à medida que o Estado social definha, aumenta a precarização dos empregos femininos. Por quê? O que acaba sendo enfraquecido é o que eu chamo a "mão esquerda" do Estado (hospitais, serviços sociais), os dominados do serviço público, e é aí que as mulheres estão mais representadas... Por sua vez, a "mão direita" do Estado (altos funcionários, *énarques*² etc.) professa e impõe (aos outros) os princípios neoliberais.

(2) N.T.: Alunos ou ex-alunos da Escola Nacional de Administração na França.

O senhor é particularmente crítico quanto ao papel da mídia nesse processo.

Sim, porque ela contribui, seja por leviandade, por negligência ou ignorância, para a lenga-lenga neoliberal. Sem contar quando se presta a intermediária de discursos políticos conservadores apresentados como progressistas... Como todos os bons mentirosos, ela mente bem, pois ela mesma é enganada.

Ao atacar escritores como Philippe Sollers ou Bernard-Henri Lévy, o senhor mostra também como a lógica neoliberal pode ter efeitos nefastos nos universos artísticos. Poderia dar exemplos?

Tomarei o exemplo do mercado editorial, sobre o qual estamos fazendo uma grande pesquisa. Pode-se ver as conseqüências do que eu chamo a "revolução conservadora" nos domínios da produção cultural, entre os próprios artistas tanto quanto no nível das instituições. Há encontro e coincidência entre, de um lado, os interesses de escritores um tanto cínicos que apresentam a submissão aos veredictos comerciais como uma revolução literária (tal como se lê sobre a "nova geração" de romancistas, o "retorno ao real", o "fim do formalismo") e, de outro, uma concentração cada vez maior da edição, perceptível tanto na grande imprensa como na edição literária. Essa concentração é acompanhada do triunfo generalizado da lógica comercial. Como me dizia um profissional do mundo editorial, esse setor é cada vez mais dirigido por pessoas que não lêem os livros, mas as listas de vendas... É por isso que eu implico com as palhaçadas dos escritores que, gracejando com essas questões, serram o galho em que estão sentados.

Ainda na mesma ordem de idéias, como o senhor explica a voga, na grande imprensa, dos "assuntos de sociedade", associada ao declarado desprezo dos jornalistas pelos "sociólogos"?

A sociologia tem esse privilégio de produzir um consenso negativo, de fazer voltar contra si a unanimidade dos jornalistas, artistas e outros, pois diz sobre eles coisas dolorosas de ouvir. Os cientistas, os físicos por exemplo, geralmente não têm nada contra ela. Para bancar o escritor, por exemplo, é de bom tom declarar desprezo pela sociologia. Os filósofos também não gostam muito da sociologia, mas por outras razões, que abordei em *Meditações pascalianas*: porque ela põe em questão seu ponto de vista altaneiro e, com isso, seu *status* de observador supremo e superior. Em geral, os mais ferozes contra a sociologia são, estranhamente, os que não conhecem dela nem o be-a-bá. Quanto aos jornalistas, *A miséria do mundo* os fez descobrir que essa gente que eles costumam fazer falar (refiro-me ao jornalismo escrito) ou fazer calar (refiro-me ao jornalismo televisivo ou radiofônico) tem coisas extraordinárias a dizer, se a soubermos escutar. Muitos jornalistas sabem disso, mas mesmo eles cada vez menos conseguem se fazer ouvir... O sensacionalismo "de sociedade" é na verdade o exato contrário da sociologia.

"A dupla ausência"

Prefácio a *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de L'immigré* (A dupla ausência. Das ilusões do emigrado aos sofrimentos do imigrado), de Abdelmalek Sayad. Paris: Liber/Seuil, 1999. Tradução do francês de Carolína Pulici.

Há muito tempo que Abdelmalek Sayad concebera o projeto, ao qual me associou imediatamente, de reunir num trabalho sintético o conjunto das análises que ele havia apresentado, em conferências ou em artigos dispersos, a propósito da emigração e da imigração — duas palavras que, ele não parava de lembrar, indicam dois conjuntos de coisas inteiramente distintas mas indissociáveis, que deveriam a todo custo ser pensadas juntas. Num dos momentos mais difíceis de sua vida difícil — não se contavam mais os dias que ele havia passado no hospital e as operações a que se submetera —, na véspera de uma intervenção cirúrgica muito arriscada, ele me lembrou desse projeto num tom de gravidade pouco costumeiro entre nós. Alguns meses antes ele me havia confiado um conjunto de textos já publicados ou inéditos acompanhados de indicações, tais como planos, esboços de notas ou questões, para que eu, como já havia feito inúmeras vezes, os lesse e revisasse em vista da publicação. Eu deveria — e freqüentemente lastimei-me quando ele me fez assumir sozinho certas escolhas difíceis — pôr-me a trabalhar de imediato, mas ele já havia superado tantas provas que nos parecia eterno...

Pude no entanto discutir com ele certas decisões fundamentais, notadamente a de fazer um trabalho coerente, centrado nos textos essenciais, mais do que uma publicação literal e integral. Assim, em nossos últimos

encontros (nada o estimulava mais do que essas conversações de trabalho) submeti-lhe muitos dos textos retrabalhados, que às vezes eu havia transformado profundamente, sobretudo para livrá-los de repetições devidas ao reagrupamento e integrá-los na lógica do conjunto, e também para os despojar das asperezas e das complexidades estilísticas que, necessárias ou toleráveis nas publicações destinadas ao mundo científico, não mais cabiam num livro que deveria se tornar o quão mais acessível, em especial àqueles de que tratava, aos quais estava prioritariamente destinado e de alguma forma dedicado.

À medida que avançava na leitura de seus escritos, alguns dos quais eu conhecia bem, outros que eu descobria, via desenhar-se a figura exemplar do estudioso engajado que, debilitado e atravancado pela doença, não havia conseguido encontrar a coragem e a força necessárias para levar até o fim, e sobre um terreno igualmente difícil, todas as exigências do ofício do sociólogo, ao preço de um investimento de corpo e alma numa missão (ele não teria gostado dessa palavra grandiloquente) de pesquisa e de testemunho, fundada numa solidariedade ativa com aqueles que ele tomava por objeto. O que poderia parecer uma obsessão de trabalho — ele não parava jamais, mesmo durante as estadas no hospital, de pesquisar ou escrever — era na verdade um engajamento humilde e total no exercício de um trabalho de serviço público, concebido como um privilégio e um dever (de tal modo que ao dar a última mão em seu livro tive a sensação não somente de completar um dever de amizade, mas de contribuir um pouco com o trabalho de toda uma vida dedicada ao conhecimento de um problema dramaticamente difícil e urgente).

Esse engajamento, mais profundo que todas as profissões de fé políticas, se enraizava, creio, numa participação a um só tempo intelectual e afetiva na existência e na experiência dos imigrados. Tendo conhecido ele mesmo a emigração e a imigração, das quais ainda participava por mil laços familiares e de amizade, Abdelmalek Sayad estava incitado por um desejo passional de saber e de compreender, que era antes de mais nada vontade de conhecer e compreender a si mesmo, de compreender-se em sua posição impossível de estrangeiro perfeitamente integrado e no entanto perfeitamente inassimilável. Estrangeiro, isto é, membro dessa categoria privilegiada à qual os verdadeiros imigrados não terão jamais acesso e que pode, no melhor dos casos, acumular as vantagens ligadas a duas nacionalidades, duas línguas, duas pátrias, duas culturas, ele não deixara, ao longo dos anos, de se aproximar dos verdadeiros imigrados, movido pelas razões do coração e da razão, encontrando nas razões que lhe faziam descobrir a ciência o princípio de uma solidariedade de coração cada vez mais intensa.

Essa solidariedade com os mais desprovidos, princípio de uma formidável lucidez epistemológica, permitia-lhe desmontar ou destruir por alto, como se nem sequer tocasse, inúmeros discursos e representações comuns ou eruditos concernentes aos imigrados, e penetrar ao rés dos problemas mais complexos — o das mentiras orquestradas pela má-fé coletiva como o dos males genuínos dos enfermos medicamentados — da mesma forma com

que adentrava a casa de uma família que acabasse se conhecer, familiarmente respeitoso e fazendo-se imediatamente amado e respeitado. Ela lhe permitia encontrar as palavras, e o tom adequado, para falar daquelas experiências contraditórias, tanto quanto o são as condições sociais das quais elas são produto, e analisá-las mobilizando indistintamente os recursos teóricos da cultura cabila tradicional repensada pelo trabalho etnológico (mediante noções como *elghorba* ou a oposição entre *thaymats* e *thadjjaddith*) ou o equipamento conceitual do grupo de pesquisa integrado, do qual ele sabia obter os efeitos mais extraordinários a propósito dos objetos os mais singulares.

Todas essas virtudes, de que jamais tratam os manuais de metodologia, e também um incomparável domínio teórico e técnico associado a um conhecimento íntimo da língua e da tradição berberes, eram indispensáveis para enfrentar um objeto que, assim como os problemas ditos da "imigração", não é daqueles que podem ser deixados a qualquer um. Os princípios de epistemologia e os preceitos do método são de pouca ajuda, nesse caso, se não se apóiam em disposições mais profundas ligadas a uma experiência e a uma trajetória social. E é claro que Abdelmalek Sayad tinha mil razões para ver de imediato o que antes dele escapara a todos os observadores: abordando a "imigração" — a palavra já o diz — do ponto de vista da sociedade de chegada, que só se põe o problema dos "imigrados" na medida em que os imigrados lhe "coloquem problemas", os analistas efetivamente omitiam a questão da diversidade das causas e razões que teriam determinado as partidas e orientado a diversidade das trajetórias. Mediante esse primeiro gesto de ruptura com tal etnocentrismo inconsciente, Sayad restitui aos "imigrados", que são também os "emigrados", suas origens e todas as particularidades que lhes são associadas e que explicam inúmeras diferenças constatadas em seus destinos ulteriores. Num artigo de 1975, portanto bem antes que a "imigração" ingressasse no debate público, ele rasga o véu de ilusões que encobre a condição dos imigrados e revoga o mito reconfortante do trabalhador importado que, uma vez munido de um pecúlio, retorna ao país de origem para dar lugar a um outro. Sobretudo, ao olhar de perto os detalhes mais ínfimos e mais íntimos da condição dos "imigrados", ao introduzir-nos no coração das contradições constitutivas de uma vida impossível e inevitável por meio da evocação das mentiras inocentes pelas quais se reproduzem as ilusões sobre a terra de exílio, ele desenha a pequenas pinceladas um retrato comovente dessas "pessoas deslocadas", desprovidas de um lugar apropriado no espaço social e de um lugar designado nas classificações sociais. Nas mãos de um tal analista o imigrado funciona como um extraordinário analisador das regiões mais obscuras do inconsciente.

Como em Sócrates, segundo Platão, o imigrado é *atopos*, sem-lugar, deslocado, inclassificável — paralelo que não está aí somente para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem verdadeiramente do lado do Mesmo nem totalmente do lado do Outro, ele se situa nesse lugar "bastardo" de que fala Platão: a fronteira do ser e do não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e importuno, ele suscita o

embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo — até mesmo na ciência, que amiúde retoma, sem o saber, os pressupostos ou as omissões da visão oficial — não faz senão reproduzir o embaraço suscitado por sua embaraçosa inexistência. Em toda parte demasiado, e agora tanto na sociedade de origem quanto na de chegada, ele obriga a repensar de cabo a rabo a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o cidadão e o Estado, a nação ou a nacionalidade. Duplamente ausente, no lugar de origem e no de chegada, ele nos obriga a pôr em questão não somente as reações de rejeição que, tomando o Estado por uma expressão da nação, se justificam com a pretensão de fundar a cidadania sobre a comunhão de língua e de cultura (senão de "raça"), mas também a falsa "generosidade" assimilacionista que — confiante em que o Estado, munido da educação, saberá produzir a nação — faria passar por universal um chauvinismo. Os sofrimentos psíquicos e morais que ele suporta revelam ao observador atento tudo o que a inserção nativa numa nação e num Estado enterra no mais profundo dos espíritos e dos corpos em estado de quase-natureza, isto é, fora das tomadas de consciência. Por meio das experiências que, para quem as saiba observar, descrever e decifrar, são como tantas outras experimentações, ele nos força a descobrir os pensamentos e os corpos "estatizados", como diz Thomas Bernhard, que uma história toda ela singular nos forneceu e que, a despeito de todas as profissões de fé humanistas, continuam muito freqüentemente a nos impedir de reconhecer e de respeitar todas as formas da condição humana.

Recebido para publicação em
15 de fevereiro de 2002.

Sobre a contribuição de Pierre
Bourdieu (1930-2002) às ciên-
cias sociais contemporâneas,
ver nas páginas seguintes o ar-
tigo de Carlos Benedito Mar-
tins.

Novos Estudos
CEBRAP

N.º 62, março 2002
pp. 155-162
